

## **Capítulo 9**

### **Vida da igreja Além da Obra (4)**

Dissipando mal-entendidos sobre “Autoridade Espiritual”

O best selling *Homens são de Marte, Mulheres de Vênus* confirmava o que o mundo sempre suspeitara: que os modelos de comunicação e as preocupações dos sexos são tão díspares que são de mundos diferentes. Lembro-me de outro conjunto de mentes contrárias – cristãos que lideram e aqueles que são liderados. Ambos estão preocupados com a autoridade espiritual. Cada lado espera equilibrar o que eles percebem como extremos no outro. Cada um faz afirmações amplas e pequenas concessões de má vontade. Eles ouvem um ao outro, mas suspeitosamente na melhor das hipóteses. As autoridades da Igreja dizem que os membros devem aprender a ter comunhão antes de fazer as coisas. Se ofendidos, eles não devem reclamar ou questionar, mas tomar a cruz. Enquanto isso, aqueles que ocupam as fileiras do não-líder se queixam de não ter liberdade suficiente e lamentam o fato de a igreja não estar mais aberta ao mover do Espírito; que não deveria haver tanto arranjo, estratégia ou organização.

Por essa razão, ambos os grupos de pessoas leem livros como “Autoridade Espiritual” e “Autoridade e Submissão”. É claro que eles estão procurando por coisas diferentes – fragmentos que podem reforçar suas respectivas posições. Quando o equilíbrio é perdido, como ocorre entre os grupos que enfatizam certos tipos de ultra espiritualidade, qualquer um dos lados fará *lobby* pela ortodoxia de sua visão. A igreja balança para frente e para trás e depois cai. Ela simplesmente não foi feita para funcionar no extremo de qualquer “liberdade” ou “autoridade”.

### **Classificando Através da Sopa**

A versão da autoridade espiritual do Movimento Igreja Local é um ponto infundável de controvérsia. Nem todos os ensinamentos estão errados; pelo contrário, muitos são notavelmente lúcidos. Ainda assim, alguns princípios (especialmente aqueles citados no Antigo Testamento) estão precisando de um contra-equilíbrio efetivo.

Por exemplo, o caso da autoexposição embriagada de Noé é popularmente usado para ensinar um princípio de que as falhas dos líderes devem ser cobertas a fim de obter a bênção do Senhor. A abundância de escândalos de abuso sexual que assola a Igreja Católica Romana na América do Norte demonstra onde a aplicação irrestrita desse ideal pode levar. Aqueles que enfatizam uma submissão reverente quase irracional à autoridade do Movimento têm dificuldade em explicar por que esse princípio não é praticado com tanta unilateralidade em outros

versículos. Descobrimos que um jovem iniciante como Paulo poderia repreender publicamente Pedro, a “autoridade de Deus” face a face, e depois registrar a repreensão no capítulo 2 de Gálatas para que todas as gerações sucessivas leiam!

Se os ensinamentos da Igreja Local precisam de ajustes generosos, as extensões e inferências não-bíblicas associadas a elas tornam a autoridade do Movimento um labirinto ainda mais formidável para explorar. Nele, primeiro encontramos os conceitos de autoridade congregacional, ou governo local da igreja (que tem a ver com o cargo do presbítero designado) e autoridade apostólica (ou, indivíduos que estabelecem diretamente igrejas). Estas duas áreas tendem para sentimentos mais escriturísticos, embora do ponto de vista de aplicação o Movimento tenha freqüentemente intensificado, modificado ou dispensado os conceitos, dependendo da agenda prevalecente.

Para complicar ainda mais as coisas, encontramos a ideia de um oráculo global autoritário, cuja influência ampliada, de qualquer maneira, levou as igrejas a serem fundadas ou influenciadas. Além disso, como uma inovação recente, há também indivíduos chamados de “representantes apropriados do Corpo”. Esses membros estão alinhados com “o ministério da era” e são “um com o ministério”. Então, finalmente, há cooperadores que não fundaram nada, nem exerceram um ministério particular. Eles atuam como gerentes intermediários em nome da sede do Movimento. O entrecruzamento de todas essas supostas autoridades produziu um sistema denso que os líderes do Movimento insistem que é “orgânico”.

Separar bons conceitos do mal conceito é como escolher entre a sopa de letrinhas. Primeiro devemos estabelecer o que não são letras, mas objetos flutuantes estrangeiros que entraram na tigela. A mais óbvia delas é a predominância do Living Stream Ministry, uma editora composta pelas mesmas pessoas que ocupam simultaneamente lugares de influência entre as Igrejas Locais. Conflito de interesses tem sido a queixa de membros insatisfeitos da Igreja Local. O trabalho espiritual do LSM é um homem, uma extensão da autoridade espiritual desse homem sobre todas as igrejas, a obra geral de Deus, uma fonte de livros e gravações para membros, ou apenas uma entidade de negócios? Várias dessas nomenclaturas foram anunciadas publicamente, outras foram negadas, mas a empresa certamente se comportou como todas elas em momentos diferentes.

Representantes do Ministério desenvolveram várias explicações para esclarecer a confusão. Por exemplo, quando pressionado por uma definição da relação entre o LSM e as Igrejas Locais, um porta-voz explicou que era semelhante à associação que a Microsoft tem com sua clientela corporativa. A explicação foi que as empresas que usam produtos da Microsoft não se reportam à Microsoft nem são obrigadas a continuar usando produtos da Microsoft. O consumidor

também pode optar por receber treinamento de produto, se assim o desejar, mas não há expectativa de fazê-lo.

Foi uma analogia inteligente que funcionou no momento, mas muitos membros da Igreja Local sabem que há outro lado mais sombrio da história. Pois se a analogia da Microsoft fosse levada até onde as coisas realmente funcionam no Movimento Igreja Local, isso não pareceria tão benigno. Imagine uma empresa que usou produtos da Microsoft decidindo não usá-los mais. Além disso, suponha que, por sua vez, a gigante do software começou a telefonar para os funcionários da empresa de consumo, alertando-os de que a ação era irresponsável e incentivando-os a entrar em greve, até mesmo iniciar ações legais contra seus empregadores por não usar mais os produtos. Essa seria uma versão mais justa e verdadeira de como as coisas funcionaram dentro do Movimento Igreja Local.

Enquanto as igrejas usam os produtos do ministério, tudo está bem. Mas quando desentendimentos internos surgiram e o uso de produtos ameaça ser descontinuado, os líderes do Movimento abandonam o exemplo da Microsoft. Em vez disso, eles se voltam para exemplos de rebeliões e apostasias bíblicas e começam a alertar as igrejas-membro a não se desviarem do rebanho. Se isso não funcionar, os tribunais cangurus religiosos (assim como os seculares) são usados contra os que não cooperam.

Independentemente de suas muitas explicações, nada está bem na grade da autoridade da igreja local.

### **A liderança do apóstolo Paulo**

Surpreendentemente, os ambientes da igreja que defendem a vida e a visão são frequentemente estufas para abuso de autoridade. Líderes não são susceptíveis de ter muita responsabilidade, porque suas ações são consideradas místicas e, portanto, acima do escrutínio dos outros. À medida que esses líderes repousam em um leito de ensinamentos sobre autoridade espiritual, eles podem governar por capricho pessoal, agir com más informações, distribuir repreensões que descem ao nível de insulto pessoal e disciplinar com tanta gravidade que arruínam vidas. Eles são capazes de críticas afiadas e podem atribuir rapidamente a culpa pelo fracasso, ao mesmo tempo em que se esquivam habilmente de si mesmos. Enquanto isso, os subordinados suportam tudo, intimidados em silêncio por aplicações distorcidas da cruz.

Padrões de liderança autocrática são alimentados por comparações do líder do grupo com apóstolos bíblicos como Paulo. Muito pode ser emulado com base no modelo de Paulo. No entanto, todo líder precisa estar ciente das diferenças marcantes entre sua própria esfera limitada de autoridade e a autoridade apostólica particular de Paulo. Ninguém deve se colocar rapidamente

no lugar de Paulo. Paulo era um vaso especial (Atos 9:15) cujos escritos eram diretamente investidos de autoridade canônica universal e posteriormente se tornaram as escrituras sagradas (Rm 2:16; Gálatas 1:8, 11–12; 2 Pedro 3:15-16). Suas revelações foram obtidas através de encontros diretos com o Cristo ascendido e através de jornadas para o Paraíso e o terceiro céu. O conteúdo de seu ministério esclareceu o fim dos quatro mil anos anteriores da dispensação de Deus no Antigo Testamento e depois descreveu o novo. Como prova confirmadora, “Deus operou milagres extraordinários pelas mãos de Paulo” (Atos 19:11). Se houvesse um “ministro da era”, Paulo certamente se qualificaria para isso. Em termos de revelação autorizada, Paulo e alguns outros foram os únicos “mestres construtores” que estabeleceram o fundamento da fé. Tudo o que outros líderes cristãos e expositores da Bíblia podem fazer é edificar sobre isso. Grupos que acreditam que seu líder é algum tipo de homem transcendente - “o Paulo de hoje” - estão se preparando para o abuso e, possivelmente, para a desilusão em massa.

Mesmo com autoridade espiritual legítima, o apostolado de Paulo foi manifestado com princípio e discrição. Como fundador direto de certas igrejas, ele tinha conhecimento íntimo das pessoas de lá e do desenvolvimento congregacional pelo qual haviam passado. Embora seu desejo fosse que eles fossem autogovernados (1 Coríntios 4:8), se eles dessem permissão, como fizeram os coríntios, não estava além dele ameaçar vir e consertar as coisas. Se os Coríntios, no entanto, tivessem respondido dizendo a ele: “Cale-se e se vá” (que em essência foi o que aconteceu na Ásia quando “todos os da Ásia me abandonaram” - 2 Tm 1:15), então o infeliz Apóstolo teria muito bem lhes deixado em paz. Talvez ele tivesse apelado para Deus, mas certamente não teria contatado os apoiadores paulinos na congregação, minado o presbitério local e fomentado uma divisão da igreja. Atividades dissimuladas desse tipo teriam sido uma admissão de que sua autoridade não foi divinamente apoiada.

Muito tem sido dito nos círculos do LSM sobre “lembrar de nossa origem”. Esse é um princípio escriturístico que se aplica ao nosso Criador e aos nossos pais terrenos. É também uma questão de decência humana quando respeitamos e valorizamos aqueles que nos trouxeram à salvação ou nos disciplinaram substancialmente. Infelizmente, este mesmo princípio pode facilmente se traduzir em um sistema do que foi chamado de “controle remoto”. Quando por lealdade os líderes de uma igreja permanecem permanentemente dizendo “sim” ao seu fundador, então essa igreja não é realmente uma igreja. É simplesmente uma extensão do ministério desse homem.

O apóstolo Paulo mudou-se por todo o mundo antigo, anunciando o evangelho. Em cidade após cidade, ele então ajudou os recém-salvos a forjar uma comunidade de comunhão. Sem dúvida, muitos de seus convertidos judeus já eram homens devotos, com ampla exposição às escrituras. Não demorou muito para que amadurecessem na fé cristã. Paulo cobrou a alguns

desses santos mais avançados o bem-estar da igreja. Então, ele partiu para outros locais. Mas por um período de tempo, enquanto ele ainda estava lá, a autoridade para lidar com questões locais deve ter gravitado em torno dele. Isso era simplesmente normal, já que aqueles nascidos através de seu ministério eram bebês.

Uma vez que a congregação avançou, entretanto, não há dados bíblicos que sugiram que Paulo interferiu em sua vida diária ou esforços ministeriais. Tampouco tentou solicitar o alinhamento exclusivo de qualquer igreja ou grupo de igrejas em torno de si mesmo (Ele desencorajou isso – 1 Coríntios 3, embora, ao mesmo tempo, desmantelasse especulações ociosas de que seu ministério estava abaixo do padrão e expunha aqueles que estavam espalhando uma mensagem que não era da Nova Aliança – 2 Coríntios).

A única outra ocasião em que o tom de Paulo torna-se corretivo ou disciplinar em relação a essas pequenas comunidades era quando sua fundação de justiça e graça do Novo Testamento corria o risco de ser comprometida (por exemplo, 1 Coríntios, Gálatas, Colossenses, 2 Tessalonicenses e, em uma extensão maior, Hebreus). Caso contrário, os discursos paulinos para os crentes são para edificações gerais e conselhos úteis (Romanos, Efésios, Filipenses, 1 Tessalonicenses).

Onde Paulo poderia ter uma certa quantidade de “direitos do fundador”, eles não eram transferíveis para seus cooperadores mais jovens e menores. Timóteo, Tito e Silas entregaram os encargos de Paulo aos santos e ensinaram a verdade que deveria ter sido obedecida, mas eles não consideravam as igrejas um domínio a ser herdado. Após a morte do apóstolo, não existia nenhum plano de contingência para administrar as igrejas de Paulo, porque não havia uma igreja paulina e nenhum conceito como uma sucessão de herdeiros a administrá-la.

Paulo também não exerceu a “autoridade do padrasto” sobre aqueles que ele indiretamente ajudou. Seu tom, portanto, para a igreja em Roma (que ele aparentemente não visitou) era diferente do que para os gálatas (entre os quais ele havia trabalhado diretamente desde o início). Sem dúvida, os santos romanos sentiram o peso da autoridade apostólica na verdade de seus escritos, mas não receberam censuras e advertências pessoais de sua intervenção direta caso não agissem de acordo com a fé cristã. Além disso, embora o apóstolo tenha visitado igrejas em toda a Judéia, (mais notavelmente, Jerusalém), não há registro de suas epístolas de escrita para qualquer uma delas. Paulo entendia o conceito de limites medidos como inferidos através de seu compromisso de não edificar sobre a fundação de outro homem – Rm. 15:20, (embora ele estivesse disposto a fazer com que os outros edificassem sobre ele – 1Co 3:10). Ele lamentou as atividades ilegais de outros que não entendiam os limites (2Co 10:12-16), provavelmente por causa de várias missões de Jerusalém que pareciam pensar que onde quer que fossem, era seu domínio pessoal.

Observando todos os dados bíblicos, podemos concluir que os apóstolos não brandiram sua autoridade como deuses, compondo as regras à medida que avançavam. Todos eles, como exemplificado por Paulo, excitaram-se dentro da esfera da propriedade, mantendo seu lugar como seres humanos e servos do povo de Deus.

### **Autoridade entre os Obreiros**

Algumas vozes no acampamento da Igreja Local teorizaram que o comportamento dos ministros no Novo Testamento era falho. Eles dizem que a igreja primitiva e os obreiros que a serviam deveriam ter se enfileirado no apóstolo Paulo em quase submissão papal. Aqueles que não o fizeram, como Apolo, eram canhões soltos, ignorantemente realizando uma agenda voluntariosa. O mesmo raciocínio trata Barnabé como um problema também, porque ele não continuou com Paulo (embora Barnabé precedeu Paulo na obra do Senhor e na fé – fatos frequentemente ignorados pelos proponentes do “LSM”).

Sem dúvida, se todos os obreiros do primeiro século tivessem sido alinhados a Paulo, isso teria criado uma antiga abordagem do tipo Living Stream, mas, felizmente, Deus tinha outras ideias. O padrão que observamos no Novo Testamento não é de calibração sobre um homem singular de revelação. O registro bíblico demonstra trabalho paralelo entre grupos de obreiros que buscavam o benefício do seu Senhor. Além de entendimentos distorcidos de autoridade e das agendas que eles podem servir, não há necessidade de sugerir que a atmosfera do primeiro século de tolerância e respeito estava errada.

### **Autoridade dentro de obras particulares**

Embora as várias obras do Novo Testamento não tenham nenhuma autoridade organizacional que as presida, encontramos autoridade de liderança em seus núcleos individuais. Muitas vezes em volta de Paulo ou Pedro, os homens chamados, estavam outros que haviam se juntado a eles para realizar seu ministério. A pessoa no núcleo da obra, como Paulo, orientaria seus cooperadores a permanecer, ir ou vir. Isso é razoável, pois ele era o líder de seu empreendimento particular. Mas esses breves exemplos narrativos não podem conceder licença a um obreiro para governar os que estão com ele como um senhor feudal.

Estar envolvido com um obreiro era, em primeiro lugar, uma questão de livre arbítrio. Sim, Paulo poderia escolher alguém para trabalhar com ele, mas o escolhido tinha que consentir em estar envolvido. Foi uma associação voluntária para realizar um empreendimento espiritual. Não havia “dever”, nenhum senso de obrigação comunicado. É razoável supor que um Timóteo ou

um Silas teria achado que Paulo e sua missão seriam inspiradores. Sem dúvida, eles teriam percebido o valor de sua causa e teriam recebido alguma confirmação espiritual interior para se envolverem com ele. Se assim o desejassem, também poderiam deixar a obra, embora, como no caso de Marcos, se o fizessem em circunstâncias questionáveis, o líder tivesse o direito de recusar trabalhar com eles no futuro. Mesmo assim, um participante que se retirou não deveria ser ameaçado com represálias divinas. De fato, os obreiros que se inclinam para intimidadoras ameaças àqueles que os deixam como “você estará acabado” começaram a pensar em si mesmos como Deus.

Além disso, deixar Paulo não foi fatal para o desenvolvimento espiritual de Marcos. Marcos passou a trabalhar com Barnabé e depois com Pedro. Muito mais tarde, até Paulo teve que admitir que ele era útil (2 Timóteo 4:11). Estamos apenas “acabados” com a obra do Senhor, se deixarmos o Senhor Jesus, o Apóstolo da nossa confissão.

### **Autoridade local**

Anos atrás, uma nova irmã descobriu a igreja em Columbus. Depois de algumas reuniões, ela ligou para parentes e disse: “Isso é tão animador! Ninguém está no comando aqui!” Aparentemente, seu estranho entusiasmo foi alimentado por más experiências passadas de líderes que a haviam sufocado. A atmosfera informal de nossas reuniões significava para ela que não havia ditadores correndo por aí. Pouco depois de ela chegar, ocorreu uma situação contrastante. Um novo casal participou de uma de nossas reuniões e depois desdenhosamente anunciou que não voltariam. Quando perguntado por que, eles disseram: “Ninguém está no comando aqui!” Ao contrário da ex-dama, eles não apreciaram a ideia de um aglomerado de pessoas que por acaso estavam se movendo na mesma direção espiritual. Um ambiente desse tipo era para eles como um barril de pólvora apenas esperando para explodir. As pessoas em ambos os casos tinham conceitos pessoais sobre como a autoridade deveria parecer e se comportar na igreja – que deveria estar ausente ou diante de seus olhos.

Alguns tentaram contornar os extremos que se desenvolvem em torno da autoridade ao adotar modelos de igreja sem líder. Eles o fazem sob a impressão de que até mesmo a aparência de alguém que está no comando deve ser evitada. Somente o Espírito Santo, pensa-se, tem qualquer encargo legítimo direto de reuniões ou assuntos na igreja. Mas quando Paulo deu instruções aos coríntios sobre como conduzir uma reunião cristã, ele não recomendou apenas seguir o Espírito. Encontramos instruções e um chamado para ordenar que as partes responsáveis deveriam manter (1Cor. 14). Devido à escassez de maturidade e seu entendimento

espiritual, muitos dos santos coríntios não se mantiveram frutuosa e autogovernados nas reuniões. Portanto, Paulo forneceu diretrizes a serem implementadas por aqueles que foram.

Em outra área e sob outro conjunto de circunstâncias, encontramos Paulo dizendo a Tito: “Ponha em ordem as coisas que faltam” entre as igrejas em Creta. Lidar com o problema era de natureza prática e administrativa – “nomear presbíteros em todas as cidades” (Tito 1:5). Sem supervisão madura nas igrejas, surgiu uma falta definitiva. Deformações estranhas de doutrina estavam se espalhando pelas assembleias. Distante do olhar da liderança responsável, cada boca estava se tornando uma autoridade em si mesma. As igrejas de Creta estavam em perigo de entrar em colapso em um ambiente “religioso livre” para todos.

Falei recentemente com um jovem que fazia parte de um grupo sem líder. Sua primeira observação sobre isso foi o padrão distorcido de ensino encontrado lá. As principais doutrinas bíblicas foram habitualmente rebaixadas ao nível da crença opcional. Alternativamente, experiências e opiniões estranhas foram elevadas à categoria de “verdade”. Como todos, mesmo os impuros e carnais entre eles, tinham um “Sim” ou “Não” iguais, não poderia haver ensino consistente e saudável, muito menos correção. Como resultado, as únicas pessoas atraídas para o grupo eram tipos extremamente disfuncionais. O homem que me contava a história teve que admitir o fato de que o grupo nunca cresceria mais do que uma sala de estar. Ele estava correto. De fato, finalmente desmoronou sob o peso de suas próprias peculiaridades.

Os modelos sem líder parecem atraentes para aqueles que foram vitimados por líderes inexperientes ou reprimidos por programas inflexíveis. Pode parecer que a resposta para a má liderança é abolir completamente a liderança. Mas isso é apenas aparente. Na verdade, a maneira de remediar a má liderança é estabelecer uma boa liderança. E a boa liderança nunca está faltando em nenhum grupo coeso, saudável e crescente de cristãos.

Ao dizer isso, estou plenamente ciente de que o Movimento Igreja Local tem seu quinhão de pessoas que tentaram ocupar lugares de destaque nas congregações membros. Essas experiências negativas levaram a advertências infinitamente recicladas da sede do Movimento sobre os males da ambição. Sem contexto ou qualificação, a ambição tende a soar como uma recomendação irracional para enterrar o talento. Segue-se, inevitavelmente, a receita perfeita para se tornar uma batata de sofá cristã. Nenhuma das atuais lideranças do LSM, nem seu fundador, Witness Lee, são (ou eram) homens desprovidos de ambição ou opinião. Para eles, afirmar o contrário é um absurdo. Se um ministério se espalha e ganha seguidores de igrejas, ainda que seu fundador afirme não ter opiniões ou ambições, então isso simplesmente significa que ele não conhece a definição das palavras “opinião” ou “ambição”. É como perguntar a uma pessoa por que ele tem uma arma, quando ele ensinou a todos os outros a não ter uma. Então ele diz: “Oh, isso não é uma arma, é uma montagem de peças de metal com um cilindro giratório, um



gatilho e um pino de disparo que descarrega um projétil.” Ouvintes ingênuos compram a conversa chique. O resto de nós diz: “Sim. É uma arma.”

Ambição não é necessariamente algo maligno. O apóstolo Paulo elogiou a aspiração de supervisionar (1Tim 3:1). Ele não considerou o desejo de cuidar do bem-estar dos santos como sendo sinônimo do desejo pecaminoso de proeminência (c. Mt 20: 25-27). Sim, houve indivíduos que usaram as igrejas locais como seu reino pessoal. Liderança para eles significava os holofotes que eles tinham desejado por tanto tempo ou o lugar de afirmação que eles não poderiam encontrar em nenhum outro lugar na vida. Algumas dessas pessoas alcançaram proeminência local simplesmente através de sua lealdade à sede do Ministério. Eu não conto esses homens como líderes reais. Eles são mercenários. A igreja primitiva teria achado tais personagens intoleráveis. Mesmo “homens submissos” para o apóstolo Paulo foram desprezados...por ninguém menos do que o próprio apóstolo! (1 Coríntios 1:13).

Autênticos presbíteros são servos e pastores que cuidam do rebanho de Deus com seus ministérios pessoais de alimentação e verdade. Eles certamente nunca colocariam os interesses de uma atividade global à frente do bem-estar dos santos. De fato, a lealdade de um líder local à igreja local deveria ser tal que ele morreria por eles, se necessário, como o Senhor disse: “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (João 10:11).

Quando uma administração local é composta por chefes de torcida, vendedores e pessoal de relações públicas para alguma atividade ministerial, certamente surgirão problemas. Por exemplo, quem está realmente liderando a igreja? Lembro-me de uma mulher em nossa reunião que se levantou e deu um testemunho louvando a ideia de “autoridade delegada”. Um mês depois, líderes da igreja aqui disciplinaram seu grupo vital do Living Stream Ministry e ela respondeu ajudando o grupo a processá-los.

No começo, achei o assunto totalmente intrigante. Como alguém poderia dizer uma coisa tão fortemente e depois se afastar 180° graus da suposta crença dela no dia seguinte? Aos poucos, percebi que, quando ela falava sobre autoridade delegada, isso significava executivos do Living Stream Ministry ou aqueles endossados por eles. Estava baseada em personalidade e organização, não tendo nada a ver com verdadeira autoridade espiritual ou verdadeira administração local. Em outras igrejas locais, ela havia visto um modelo de presbíteros e irmãos responsáveis que atuaram como intermediários para o LSM; ela assumiu que seria o mesmo em Columbus. No entanto, estávamos tentando aprender e praticar a real localidade nesta cidade. Não demorou muito para que as expectativas e a realidade colidissem.

Apesar das falhas do Movimento Igreja Local na implementação de uma boa liderança, os líderes locais fortes ainda são um requisito para congregações fortes. Isso certamente não deve significar que a congregação deva ser tratada como um rebanho mudo que deve ser informado a

cada movimento a ser feito. É muito comum em todo o Novo Testamento que os Apóstolos se dirijam a toda a igreja, não apenas aos poucos homens que compõem sua liderança. Apenas em uma minoria distinta de cartas da igreja os presbíteros foram especificados como um grupo. Essa verdade deve afetar o modo como os líderes abordam seus deveres. Como eles próprios fazem parte do rebanho, seria extremamente insensato não escutar e aprender com o restante da comunidade antes de decidir sobre os cursos de ação.

No entanto, isso não deve ser confundido com meros processos democráticos. O peso dos líderes espiritualmente maduros não pode ser ignorado, ou então a igreja acabará sendo substancialmente liderada por aqueles cujas lealdades e interesses primários não estão com Cristo. Nessas circunstâncias, a liderança do grupo pode se degradar na vontade de uma maioria mista.

### **A necessidade de compromisso**

A Bíblia nos diz que todo filho de Deus tem algum nível de autoridade, por mais minúsculo que seja (João 1:12). Aqueles que cresceram mais têm uma medida maior (como em uma família). Idealmente, os crentes devem prestar atenção àqueles que possuem maturidade avançada na congregação e respeitá-los. Mas a igreja achará difícil determinar quem tem mais maturidade se sua única ferramenta de medição for subjetiva.

Todo mundo tem um conceito preferencial sobre a verdadeira espiritualidade e maturidade. Algumas, obscurecidas por preconceitos, costumam ignorar as bandeiras vermelhas. Certa vez ouvi uma irmã promovendo outra mulher como “a pessoa mais espiritual” que ela já conheceria. No entanto, a mulher que supostamente era tão espiritual interferiu nos casamentos em várias igrejas e causou vários divórcios. Longe de se arrepender, ela continuou seu caminho de destruição em outros lugares. Os admiradores estavam dispostos a ignorar os sinais de comportamento pecaminoso óbvio em favor de seu carisma atraente. Em outro caso, vários jovens se apresentaram e acusaram um estimado “homem espiritual” de molestá-los. Por meio do que parece ter sido um encobrimento interno, as alegações permanecem incertas até hoje. O homem continua como uma figura influente na igreja porque sua arrogância pessoal e sua capacidade de “falar por falar” têm um efeito encantador nos outros membros. Infelizmente, o talento religioso parece hipnotizar o povo comum e desviar sua atenção de sinais sérios de alerta.

Por causa da propensão humana a negligenciar a imaturidade espiritual grosseira, é necessária uma identificação formal dos líderes de uma fonte mais avançada. Estes devem vir do fundador da igreja, plantador (ou, se desejar, apóstolo) e outros líderes dentro da congregação, se alguns já existirem. Mas a autoridade espiritual não deve ser confirmada de acordo com as

preferências subjetivas dos membros da igreja e nem pelas preferências individuais de quem faz a nomeação. Nenhum apóstolo ou obreiro deve nomear um presbítero com base na força de lealdade pessoal (“esse cara sempre faz o que eu digo”) ou alguma lealdade organizacional (“esse sujeito frequenta todas as conferências e treinamentos”).

De acordo com a Bíblia, as nomeações para o presbitério devem ser determinadas por uma reunião particular de traços de caráter. Entre as passagens de 1 Timóteo 3 e Tito capítulo 1, a maioria delas é profundamente humana, pois lidam com a vida familiar, reputação na comunidade, vícios, atitudes em relação ao dinheiro, procedimento pessoal e métodos de comunicação com outras pessoas. Entre estes, não encontramos requisitos como ver “o pico elevado da verdade divina”, a singularidade da Restauração do Senhor, formas e práticas da igreja ou quaisquer outras doutrinas especializadas.

No entanto, é uma qualidade necessária que um presbítero tenha o mais alto compromisso com a fé cristã, que possa ensiná-la e, se necessário, corrigir os outros. Além disso, esses homens devem servir de boa vontade e pastorear o rebanho (1Pe 5:2). Uma congregação achará difícil prosperar se seus líderes estiverem constantemente fantasiando sobre como escapar e ir para outro lugar. Nem o rebanho será abençoado se os líderes o considerarem algo a ser espoliado. Daí a advertência contra o desejo de liderar “por ganho desonesto” (1 Pe 5:2b).

Sem liderança bíblicamente moldada pelas qualidades descritas acima, o que uma pessoa tem para liderar os outros? Ela poderia apelar para o fato de que alguém o colocou no comando (“assim foi dito”), ou para a antiguidade (“Eu tenho estado na vida da igreja mais tempo do que você”). Pior ainda, são fatores de personalidade, quando alguém é mais capaz e mais determinado do que outros ou fatores materiais, como alguém que tem mais dinheiro do que todos os outros. Se tal critério vier a definir quem são os líderes, não demorará muito para que tais homens sejam expostos como sendo inadequados para a obra. Uma profundidade de espiritualidade pessoal e caráter é sempre necessário no crisol da liderança cristã. Não há substitutos. Uma vez que os candidatos ao presbitério tenham sido reconhecidos, nomeações específicas podem ser feitas entre eles e, portanto, um reconhecimento formal perante toda a congregação. Naturalmente, nem cartas de nomeação nem a imposição de mãos podem conferir autoridade espiritual. Os homens podem identificar, confirmar e apontar autoridade, mas eles mesmos nunca podem dar. Essa permanece sendo a atribuição inviolável do Espírito Santo.

### **Lidando com as coisas difíceis**

Há muito tempo prometi a mim mesmo que, se alguma vez tivesse a oportunidade de liderar, seria diferente. Eu estava determinado a ser um daqueles homens iluminados que nunca

reconheceriam ser um líder (“Eu sou apenas um irmão”), nunca diria às pessoas coisas que elas não querem ouvir (“Nós estamos debaixo da graça, não da lei”) e nunca permitiria que outros me procurassem por ajuda (“Somente Jesus”). Além disso, eu evitaria ser odiado por nunca responsabilizar alguém por nada. Em outras palavras, eu estava planejando ser um líder que não lideraria! Portanto, minha abordagem de situações difíceis na igreja era ignorá-las ou dizer ao Senhor para lidar com elas.

Eu estava sob a influência de que toda a ideia de autoridade era algo suspeito, se não sujo. A liderança cheirava a uma obsessão neurótica com o controle dos outros, substituindo a Cristo e extinguindo aqueles que eram verdadeiramente guiados pelo Espírito. Operar sob esse conceito tendia a tornar meu estilo de liderança apologético e um pouco nervoso. Sempre me preocupei que alguém pudesse pensar que eu estava tentando ser algum tipo de papa.

Enquanto a igreja avançava em modo de manutenção por alguns anos, um estilo de liderança sem-fazer-o-que-você-quer parecia funcionar bem. No entanto, uma corrente subjacente pró-LSM começou lentamente a ganhar força em Columbus, gerando táticas e atitudes partidárias. Ficou claro que sem forte liderança local a igreja estaria em sérios apuros. Independentemente dos sinais de advertência dos presbíteros, outra congregação estava começando a se formar dentro da assembleia - “uma igreja dentro de uma igreja” - tendo uma direção separada, valores diferentes, outra administração e uma intenção de recrutar. Uma coisa que aprendemos repetidamente foi que os partidários do LSM não respondem à ternura. Eles tratam o afeto fraternal e outras virtudes como pontos fracos para explorar. Chegou a hora de administrarmos um amor duro. Nenhum presbítero realmente queria um confronto, mas através dele, a igreja foi substancialmente preservada.

A experiência de liderança para mim finalmente se tornou completa quando eu não era apenas amado por ser uma líder, mas odiava ser um também. Isso desencadeou um ciclo de luta livre que incluiu a auto-culpa, outra suposição, a tristeza e finalmente a vindicação pessoal na presença do Senhor. Toda a experiência deixou uma coisa cristalina: se a igreja fosse para algum lugar em termos de crescimento e saúde, a liderança de homens piedosos seria absolutamente necessária. E parte disso inevitavelmente envolveria questões de disciplina.

As pessoas piedosas e positivas na igreja geralmente não estão cientes dos “presbíteros”. Elas apenas veem caras alegres e amigáveis chamados Bill, John ou Mike, homens que são como todos os outros. Mas deixe certas coisas começarem a acontecer e, de repente, “os mais velhos” começam a aparecer. Da mesma forma, enquanto você é um cidadão cumpridor das leis, autoridades como a polícia são uma visão bem-vinda – quanto mais, melhor. Mas se você violar o limite de velocidade, colocar uma barra de chiclete no bolso sem pagar por ela, ou apenas ocupar

indevidamente o estacionamento, essas mesmas autoridades agora, de acordo com Romanos 13, se tornarão um terror para você. Autoridade surgirá de repente com luzes piscando.

A questão é que comportamento na igreja provoca justificadamente respostas de emergência tão desagradáveis. Uma Igreja local relatou que os santos não estavam comprando o suficiente da *Palavra Sagrada do LSM* para o *Reavivamento Matinal*. Um dos presbíteros bateu em uma mesa e criticou aqueles que ousaram ler outros materiais. Quando os santos intimidados mais uma vez compraram a cota apropriada de livros do Ministério, os líderes locais relataram triunfantemente que a “tempestade” naquela igreja havia diminuído. Este e muitos outros abusos ridículos de autoridade ocorreram nos contextos da Igreja Local, expondo o fato de que os “homens da empresa” abriram caminho para a liderança local.

A Bíblia apresenta situações legítimas que exigem medidas autorizadas. Mesmo nesses casos, porém, os mais velhos não devem ser agentes da Gestapo [uma espécie de polícia secreta do Estado], espreitando ao redor da igreja e farejando aqueles que poderiam ter cometido erros. Se algum líder entrar em tal modo, ele poderá se ver desafiado pelo Senhor. “Aquele que não tem pecado, jogue a primeira pedra” e “à medida que você usar, será usada contra você” e “aquele que julgar sem misericórdia será julgado sem misericórdia” são apenas alguns lembretes para qualquer pretensão cruzador da justiça. Além disso, deve ser lembrado que a disciplina é para o propósito de “ganhar o seu irmão”. Onde ocorreu o delito, todos nós devemos esperar por um final positivo baseado no arrependimento.

Uma das áreas necessárias para lidar em situações da igreja tem a ver com a vida licenciosa, especialmente a imoralidade sexual. É preferível, se possível, cobrir e restaurar pessoas implicadas, como exemplificado em 1 Pedro 4:8 e Gálatas 6:1 (não estou estendendo isso para incluir atos criminosos como estupro ou molestamento de crianças). O problema é que nesse ínterim, se o comportamento imoral se tornar geralmente conhecido e tolerado entre os crentes, o seu nível de resistência pode cair. Deixe uma sequência desses eventos ocorrer que não recebam nenhuma correção e o padrão moral da igreja poderia muito bem se desintegrar. Isso é especialmente verdade no caso dos líderes que pecam. As pessoas tendem a imitar o que veem seus líderes fazendo. Por causa de sua influência na congregação, então, o corredor de tolerância deve diminuir consideravelmente (1Tm 5: 19-20).

Considere o caso do homem que caiu em fornicação com sua madrasta em Corinto. Paulo repreendeu os crentes lá, dizendo: “Na verdade, é relatado que há fornicação entre vocês, e tal fornicação que nem sequer ocorre entre os gentios, que alguém possui sua própria madrasta. E vocês estão orgulhosos? E não lamentaste que aquele que fez esta obra seja removido do meio de vós?” (1 Coríntios 5:1-2). As implicações nesses versículos são que o comportamento pecaminoso

já havia se tornado uma espécie de norma para a congregação. Os crentes estavam inchados, orgulhosos disso, em vez de tristes.

Também sabemos pela palavra de Paulo que a ligação imoral havia se tornado um relato que ia além dos confins da igreja - “Na verdade, é relatado que há fornicação entre vocês”. Se a congregação é muito branda com pecados como esses, então a notícia acabará por desembarcar fora dos círculos da igreja. Talvez seja até mesmo conhecido na comunidade não-cristã. Quando isso acontece, nosso testemunho pode ser severamente danificado. Se a igreja não pode mais oferecer luz ou sal a um mundo perdido, não há mais necessidade de existir.

Outra questão que deve atrair a atenção negativa da igreja e de seus líderes é a heresia. Se alguém tentar introduzir um ensinamento que contradiz a essência da fé cristã, ou mesmo tentar modificá-lo, os presbíteros serão naturalmente um problema para essa pessoa. Afinal, uma de suas qualificações principais é o fato de que eles, como diáconos, devem manter a fé com uma consciência pura (1Tm 3: 9) e devem “pela sã doutrina, exortar e condenar aqueles que a contradizem” (Tito 1:9). Como os presbíteros da igreja guardam sua verdade fundamental, eles fornecem uma linha crítica de defesa. Lembre-se da pergunta do salmista: “Se os fundamentos são destruídos, o que os justos podem fazer?” (Salmos 11:3). De fato, se “outro Jesus, outro Espírito e outro evangelho” (2 Coríntios 11:4) faz incursões na igreja, a razão para sua existência desaparece. Deixamos de ser “a coluna e a base da verdade” (1Timóteo 3:15). Quando isso acontece, qualquer diferença substancial entre a igreja e o Elks Club [clube secular] é efetivamente eliminada.

A divisão é outra questão que requer negociação autoritária. Os apóstolos recomendaram aos presbíteros locais de supervisionarem o rebanho de Deus (Atos 20:28, 1 Pedro 5:2), mas às vezes as direções contrárias dentro dele ameaçam despedaçar o rebanho. Isto é especialmente confuso para os santos, uma vez que as pessoas que estão causando o problema geralmente estão armadas com convicções muito fortes e suas palavras são “lisas e lisonjeiras” (Rm 16:17). Os povos divisores são tipicamente energizados com um zelo que confunde o espectador. Mesmo que esses encenqueiros estivessem um tanto adormecidos durante anos, quando encontram um ponto de discórdia religiosa, de repente parecem sentir cinco vezes a vida cristã que costumavam ter. Isso inclui visitar outros membros (a fim de ganhá-los para o lado deles), compartilhar suas crenças (não o evangelho, apenas desacordos) e “cuidar” daqueles que estão na periferia da igreja (esses geralmente são os mais fracos e fáceis de influenciar).

Durante esses tempos, os imaturos de todos os lados farão coisas para destruir a coerência básica da igreja. Alguns acrescentarão, a uma atmosfera emocionalmente carregada, ações e palavras negativas. Outros fingirão uma posição neutra, embora a situação exija um compromisso claro. Outros desdenharão todo o caso, afastando-se da igreja porque “toda a

bagunça não é espiritual”. Outros ainda praticam política, sendo amigos de todos, já que não são capazes de suportar a desaprovação das pessoas de qualquer lado.

Nenhum daqueles que reagem dessa maneira é capaz de ancorar uma congregação enquanto ela é lançada em uma tempestade. Nem podem fornecer navegação para águas mais seguras. É preciso espiritualidade real e maturidade de caráter para estabilizar as perturbações congregacionais. Em face da divisão, aqueles que são imaturos irão provar completamente sua falta de crescimento e às vezes até a falta de decência humana básica. No entanto, funciona da maneira oposta para os outros. Como Paulo disse: “Também deve haver facções entre vós, para que aqueles que são aprovados sejam reconhecidos entre vós” (1 Coríntios 11:19). A única coisa real que a divisão exporá na verdadeira autoridade é uma certa profundidade de aprovação. Quanto mais difíceis os testes, mais brilhante ele se torna.

Ofensas entre os santos podem exigir ainda outro ponto de entrada dos presbíteros. Embora os crentes devam conciliar suas próprias diferenças, ocasionalmente um caso se torna mais do que uma reconciliação. Estes devem ser levados à igreja para uma arbitragem final sobre o assunto (Mt 18:17). Os presbíteros não são especificados aqui como a entidade judicial para lidar com o problema (como também não eram no caso do irmão coríntio). É, no entanto, razoável esperar que, como membros maduros, eles desempenham um papel considerável ao lidar com o irmão pecador não arrependido. Quando esse não foi o caso, o apóstolo Paulo viu isso como motivo de lamento. Com relação às ofensas que se descontrolaram entre os santos, ele disse aos coríntios: “Eu digo isto para vossa vergonha. É assim que não há homem sábio entre vós, nem sequer um, que possa julgar entre seus irmãos?” (1Co 6:5). Isso poderia facilmente ter sido uma repreensão aos ociosos, recuando os líderes. Então Paulo diz aos indivíduos presos na luta pessoal: “Por que não preferes aceitar o mal?” (1Co 6:7). Isso muito bem poderia ter se dirigido àqueles que rejeitaram a arbitragem de presbíteros na igreja.

De qualquer forma, deixe que relacionamentos suficientes na igreja sejam estragados devido a ofensas não resolvidas e a agradável atmosfera de comunhão se desfaça. Os presbíteros, representando toda a congregação, devem, se necessário, pesar sobre ofensas entre os membros. Considerar os crentes responsáveis por sua conduta pecaminosa para com os outros preservará a harmonia geral da igreja.

Então, quando Paulo encarrega os santos de “obedecerem àqueles que o lideram” (Hb 13:17), não é gratificante ao ego deles. Com demasiada frequência, é uma questão de vida ou morte, com a existência da própria igreja na balança. É verdade que, devido ao nosso passado conturbado, em muitos casos a disciplina não foi aplicada por razões legítimas e mesmo quando pedida, não foi feita de maneira piedosa e restauradora. No entanto, onde realmente foi executado corretamente, eu ainda testemunhei entre aqueles que estão sendo tratados, a tendência humana

em direção à raiva, negação e recusa. Demasiadas vezes isso desencadeou uma cruzada para derrubar a autoridade congregacional usando algum tipo de dados bíblicos.

Os ofendidos começam a conduzir estudos de palavras extravagantes para reinterpretar termos como “presbítero” e “supervisor”, “liderar”, “governar” e “pastor”. Eles observaram corretamente que não haviam presbíteros nas igrejas mencionadas em Apocalipse, capítulos dois e três, sem claro, considerar as muitas passagens que explicitamente os descreve. Os tópicos relacionados de obediência e submissão recebem uma emenda tão fina que a pessoa que conduz o estudo não aprende a se submeter ou a obedecer. Eu sou definitivamente a favor de garimpar a Palavra, mas quando a orientação é de alguma forma provar que “eu não tenho que ouvir ninguém, exceto Jesus”, então o resultado provavelmente será uma pessoa que não escuta ninguém, incluindo Jesus. Novas experiências que fortalecem o indivíduo autônomo de tal maneira podem funcionar em um grupo de dez, mas não em uma igreja de centenas.

Os esforços dos líderes piedosos sempre serão necessários. Isto é especialmente verdade, desde que exista um potencial de atrito entre os membros e onde novas pessoas gotejam em todo o tempo que abrigam problemas sérios ou ensinamentos estranhos.

Os presbíteros não podem legalmente impor a obediência. Em vez disso, espera-se que sua maturidade, exemplo piedoso e compromisso forneçam uma razão convincente para os santos lhes oferecerem algum grau de deferência voluntária. No mínimo, os membros da igreja devem respeitar a ordenação de presbíteros pelo Espírito Santo, especialmente onde outros o confirmaram. Além disso, se um santo não puder estar em paz com a liderança da igreja, permanecer na congregação quase certamente se tornará uma força destrutiva.

Existem alguns cursos de ação possíveis para aqueles que se encontram em desacordo com seus líderes (assumindo que o indivíduo conturbado não tem uma acusação legítima contra um líder específico, o que exigiria resolução). Uma possibilidade para um santo insatisfeito é simplesmente ficar e aprender diante do Senhor. Talvez sair seja desnecessário. A resolução pode ser encontrada em medidas menores. Além disso, pode haver elementos em sua personalidade que precisam de iluminação e precisam ser trabalhados. Mas onde tudo mais falhar, pode ser necessário que o crente doente encontre uma comunidade cristã onde ele possa estar em paz. Isso não precisa envolver a excomunhão. A um certo ponto, juntar-se a outra congregação pode ser mutuamente acordado como a melhor coisa a fazer. Uma ou duas vezes ao longo dos anos, fiz parte de tal arranjo e até me ofereci para ajudar os santos atingidos a encontrar um lugar mais adequado para reunir. Se feito com um espírito apropriado, os crentes podem ser preservados sem o falso estigma de ter “deixado a vida da igreja” (para comentários sobre a minha visão de “igreja local”, por favor reveja o capítulo 5).



Ocasionalmente, alguma alma perturbada recusa qualquer tipo de exortação ou arrependimento e adota a noção de que ele deve permanecer em uma igreja, não importa o que aconteça. Onde os primeiros casos de pessoas saindo foram um pouco decepcionantes, esses predicamentos são geralmente um pesadelo. Agora pessoas negativas decidem se entrincheirar na assembleia com agendas para “salvar” a igreja ou para provar algo para todos os outros. Para problemas, multiplique por um fator de dez se for um grupo. Felizmente, essas situações são raras. Quando ocorrem, espere que coisas bizarras possam acontecer que envolvam confrontos públicos e possivelmente até mesmo a polícia (Eu já disse que os presbíteros precisam de uma profundidade de maturidade espiritual e caráter desenvolvido?).

### **Anciãos [presbíteros], não dinossauros**

No rescaldo de nossa separação da sede do Movimento Igreja Local, a igreja em Columbus encontrou-se em um novo mundo. Tendo navegado no horizonte, descobrimos desafios fora da nossa bolha anterior. Estes não poderiam ser respondidos por cegamente “pegar canora” no ministério de ninguém. A vida real não reconhecia o “trunfo do irmão Lee”. Respostas de finalidade teriam que vir da Bíblia, oração e consideração cuidadosa, com os presbíteros liderando o esforço para chegar à clareza. Isso fez com que o papel da liderança fosse muito mais do que impedir que a igreja se desmoronasse. Os presbíteros tinham que começar a agir como uma força avançada de escoteiros cujos olhos e ouvidos estavam sintonizados com as oportunidades futuras para os santos.

Hoje nossos obstáculos não são os da seita peculiar da qual fazíamos parte. Agora nos encontramos em uma aldeia global complexa que é amplamente ignorante da fé cristã. Por muitos anos havíamos existido apenas para preservar um conjunto de ensinamentos especializados e uma forma particular de igreja. Dispensável será dizer que estes não tinham absolutamente nada a ver com as preocupações e questões da comunidade que perece à nossa volta. A igreja universal do Senhor Jesus tinha (e tem) peixe muito maior para fritar do que se Titus Chu [ou Dong Yu Lan, na América do Sul] tinha seu próprio ministério ou identificar quem não estava frequentando as “sete festas”. As influências generalizadas do pensamento pós-modernista, pluralismo religioso e a atual geração errante da juventude milenar são apenas alguns dos produtos culturais desenvolvidos enquanto estávamos a portas fechadas tentando ser a Restauração do Senhor.

À medida que as Igrejas Locais emigram dos círculos do Movimento para a luz do dia, elas precisarão enfrentar questões de relevância. Como a igreja deve ministrar com sensibilidade dentro de nossa cultura atual e ao mesmo tempo manter a fidelidade bíblica? Os líderes da igreja

precisarão estabelecer o ritmo para aprender como fazê-lo. Contra a tela moderna de hoje, a velha imagem do presbítero da Igreja Local com uma mochila em uma mão e um *Reavivamento Matinal* na outra parecerá um dinossauro. Se ele não for cuidadoso, sua única resposta às questões de hoje será ampliar o fosso, elevar a ponte levadiça e engrossar as paredes ao redor de sua igreja.

A natureza da liderança real é flexível, contínua e adaptativa, sempre buscando novos *insights* e aplicações. É por isso que livros e seminários sobre liderança continuamente inundam o mercado. Parece que dominar as transações humanas dentro dos sistemas é uma busca que nunca pode ser esgotada. A liderança da igreja não é diferente. Os presbíteros que pensam no futuro perceberão que os requisitos bíblicos para o presbitério afetam numerosas sub-qualidades e abordagens relacionadas, como percepção, honestidade, tratamento justo, encorajamento e respeito; delegar responsabilidade, capacitar os outros e desenvolver os protegidos; desenvolvimento e execução de visão.

Percebo que a semântica que empreguei pode parecer um pouco corporativa demais para o seu gosto. Mas se lembre de que alguns princípios de liderança (como quer que você os diga) aplicam-se universalmente onde quer que os seres humanos se reúnam para realizar uma missão. Senso comum, ética de trabalho em equipe, previsão, excelência e iniciativa são palavras que podem não aparecer em um léxico da Bíblia, mas isso não significa que elas não devam aparecer na igreja.

Alguns princípios de liderança são necessidades não ditas tanto dentro como fora das congregações cristãs. Embora possam ser acumulados por padrão através de longos anos de experiência, a grande maioria deles precisa ser procurada e aperfeiçoada. Nunca podemos obter muita ajuda nessas áreas. Aqueles que supervisionam a igreja precisam entender que os santos são a posse mais valiosa de Deus. Aspirar para se tornar mais eficiente em servi-los é um empreendimento que vale a pena. Para aqueles com um coração salomônico para lidar sabiamente com o povo do Senhor, livros, seminários e grupos de comunhão local podem oferecer ajuda extra. Afinal, outros líderes obtiveram sabedoria de Deus e estão dispostos a compartilhá-lo.

Quanto ao discernimento espiritual na liderança, os presbíteros de hoje não mais procurarão locais remotos para orientação. Eles prestarão muita atenção ao que está acontecendo em seu espírito e nos santos locais. A combinação desses dois, como fios entrelaçados em uma corda, produzirá direção na congregação.

Os presbíteros não são os “senhores” da igreja. Em vez disso, eles supervisionam o que pertence ao Senhor. Isso se refere especificamente não somente aos crentes em si, mas também às porções que Ele lhes entregou, seu desenvolvimento e como eles podem trabalhar juntos para o serviço. Isso requer um olho aguçado e uma capacidade de visualizar possibilidades, algo para

o qual os líderes da Igreja Local no passado prestaram pouca atenção. Pois, em uma busca insaciável para reunir membros em torno do ministério de Witness Lee, não havia coração para ver novos ministérios emergirem de dentro dos santos medianos. Essa atitude frustrou o crescimento das Igrejas Locais e alimentou suspeitas de que o Movimento como um todo é uma seita.

Se existe alguma esperança de salvação para o grupo em geral, não é na aparência de um novo oráculo global, ou um Irmão “Nós” [Irmão “We”, em inglês] composto de alguns seguidores próximos desse oráculo. Não, a esperança da igreja está dentro da própria igreja, crentes locais que são ajudados a crescer poderosamente em funções específicas. E os presbíteros que estão lá devem tomar providências para assegurar que os santos se tornem tudo que o Senhor pretendia que fossem. Eles não devem permitir passivamente que os crentes sob seus cuidados sejam sequestrados de uma igreja prática em escalões ministeriais de torre de marfim, onde o crescimento real será atrofiado.

Às vezes, no passado, observei que irmãos que estavam crescendo aqui em Columbus foram transplantados para o solo estrangeiro de “servir ao ministério”. Todos eles voltaram à nossa igreja local arruinados por atitudes superiores, desdém pela situação local e uma idolatria de quase lealdade à editora de livros que professou treiná-los. Eu tenho duas palavras para dizer sobre isso: nunca mais. Como um verdadeiro presbítero do Novo Testamento, ou eu treinarei aqueles que estão comigo, ou, pelo menos, pesquisarei cuidadosamente e fornecerei críticas honestas sobre aqueles que o fizeram.

Corretamente entendida e aplicada, a autoridade espiritual é uma bênção. De fato, um consenso dos espectadores concordaria que, sem sua presença manifesta em um grupo, provavelmente não haverá direção, disciplina, proteção, limitação saudável, legitimidade para pessoas de fora, comprometimento do grupo, alimento espiritual ou previsão. Em outras palavras, o cenário comunitário não apoiará uma vida cristã próspera.

Sim, eu certamente vi o governo da igreja dar errado. Alguns líderes se tornaram tiranos. Alguns membros se tornam seguidores do homem. Como o sistema mais antigo de administração da igreja (ou qualquer outro) pode ser feito à prova de abuso? Não tem jeito. Um sistema de governo da igreja só funciona na medida em que os que nele existem são espirituais, virtuosos e comprometidos com a congregação local. Os governos da Igreja de todos os tipos falharam, não porque o arranjo estrutural estivesse errado, mas porque os homens estavam errados. É por isso que as escrituras prestam mais atenção ao que é um líder do que ao sistema em que ele opera. Algumas formas pastorais de administração, que o Movimento Igreja Local condena veementemente, fizeram notavelmente bem em discipular pessoas e causar crescimento

congregacional. Novamente, isso não é porque o sistema em si está certo, mas porque os homens envolvidos nele estão certos.

Um governo da igreja sem falhas talvez seja uma ilusão. O perigo em perseguir isso é que podemos ficar presos em uma esteira de idealismo e nunca entrar no negócio do presente – a missão da igreja para o mundo. Então, até que “venha o que é perfeito”, devemos mancar, fazendo o melhor para aqueles que estão conosco. Isso significa evitar extremos como o desenvolvimento de feudos abusivos ou, por outro lado, recuar em nossas obrigações até que o presbitério se torne uma entidade fraca. Significa tanto quanto possível, abraçando igualmente todos os mandados das escrituras para aqueles que lideram ou para aqueles que são liderados. Admito que o equilíbrio perfeito provavelmente não virá, mas talvez pelo menos um impulso cambaleante e as bênçãos graciosas que o acompanham.